

Revista Brasileira de Comércio Exterior



A revista da FUNCEX

Ano XXXVII

157

Outubro,
Novembro e
Dezembro de
2023

EXPANDIR AS EXPORTAÇÕES

Câmbio e Trade Finance
Política Industrial e Comercial:
Semicondutores



Imagem de Roman por Pixabay



FUNCEX



**fundação
centro de estudos
do comércio
exterior**

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

EDITORIAL**2 Expandir as exportações e internacionalizar as empresas***Antônio Carlos da Silveira Pinheiro***ENTREVISTA****4 José Luis Pinho Leite Gordon***Diretor de Desenvolvimento Produtivo, Inovação e Comércio Exterior do BNDES***COMENTÁRIO INTERNACIONAL****10 A virada do algodão. Agora é esperar pela indústria***George Vidor***DESAFIOS 2023 - 2024****14 Combinando política industrial e comercial: semicondutores e o Brasil***Renato Galvão Flores Jr.***20 Oriente Médio: a nova fronteira para a exportação brasileira***Ric Scheinkman e Marcello Vinicius de Oliveira Faria Araújo***CÂMBIO****26 O Cartel de Câmbio***Roberto Giannetti da Fonseca***38 Nova lei cambial: prestes a completar um ano, quais foram seus avanços e o que ainda precisa ser feito***Zilda Mendes***TRADE FINANCE****40 Trade finance usando Renminbi***Hsia Hua Sheng***44 Green Tech Inovar & Exportar***Lilian Aliprandini***RASTREABILIDADE****46 Considerações para um Sistema de Rastreabilidade e Monitoramento na Pecuária Brasileira***Camila Dias de Sá, Fernanda K. Lemos e Marcos Sawaya Jank***ORIENTAÇÃO EXTERNA****54 Expansão da orientação externa e da cultura exportadora em municípios: sugestões para o caso do Rio de Janeiro***Daiane Santos e Henry Pourchet***PRÁTICAS DE COMEX****64 Fundamentos para formação técnica para o mercado de câmbio***Evandro Caciono*

A virada do algodão. Agora é esperar pela indústria



George Vidor

George Vidor
é jornalista e economista

O Brasil assumiu em 2023 a liderança nas exportações mundiais de algodão, posição ocupada temporariamente em razão de problemas climáticos que afetaram a safra americana, tradicional líder do setor. Mas, em médio prazo, a tendência é de o Brasil realmente vir a liderar as exportações de algodão, pois enquanto aqui a produtividade aumenta, nos Estados Unidos os produtores se mantêm competitivos à custa de subsídios indiretos. Tais subsídios, aliás, foram motivo de um contencioso na Organização Mundial de Comércio do qual o Brasil saiu vitorioso anos atrás, e os Estados Unidos se obrigaram a pagar uma compensação que seria destinada aos cotonicultores brasileiros. Vitória parcial, pois o melhor teria sido a eliminação total desses subsídios.

A cultura do algodão no Brasil é muito antiga. Desde os tempos coloniais formava, com o açúcar, o café, o tabaco, o charque e a erva-mate, a base de produção e exportação da agropecuária brasileira até meados do século XX. A Guerra de Secessão nos Estados Unidos, com a consequente queda da produção no sul do país, contribuiu para que tanto a cultura algodoeira como a açucareira ganhassem fôlego no Brasil na segunda metade do século XIX, o que gerou uma considerável demanda por mão de obra rural.

Uma nova corrente de imigração europeia já estava em curso, mas grande parte dos trabalhos rurais continuavam sendo feitos por mão de obra africana escravizada. O tráfico negreiro estava oficialmente suspenso desde 1850. O “contrabando” de escravos se tornara economicamente arriscado e insuficiente para atender à demanda crescente. O comércio interno se tornou mais caro, devido à acirrada disputa por essa mão de obra escravizada por parte das prósperas lavouras de café. Situação essa que ampliou a resistência à abolição nas esferas políticas que exerciam forte influência no Parlamento (Câmara e Senado) do Império. Uma “prosperidade” que retardou a abolição e fez o Brasil carregar a chaga de ser uma das últimas nações a extinguir a abominável escravidão, fato com repercussões sociais negativas até os dias de hoje.

A abundância de matéria-prima e a boa qualidade do algodão brasileiro – que chegara a ser comparado ao egípcio no século XIX – atraíram para o Brasil diversas indústrias têxteis. As chamadas monoculturas são geralmente apontadas como a principal razão de o Brasil ter se tornado um país retardatário no desenvolvimento econômico. Todavia, no século XIX o Brasil foi um dos pioneiros na instalação de ferrovias (apenas duas décadas após o surgimento das estradas de ferro na Europa) e já abrigava uma razoável construção naval, além de fundições. A partir de 1870, a indústria têxtil se instalou com força. Belíssimos prédios industriais, em estilo inglês, servem hoje para a utilização de *shopping-centers* e mesmo centros culturais no Rio de Janeiro, em São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco.



Imagem de StockSnap por Pixabay

O município de Petrópolis chegou a ser o quinto maior polo têxtil do mundo no século XIX. O pobre município de Paracambi, na Baixada Fluminense, abriga o que foi outrora a maior fábrica brasileira de produtos têxteis, hoje transformada em complexo educacional-cultural. Na vila de Biribiri, vizinha à histórica Diamantina, às portas de um parque nacional, resiste uma outra dessas belas instalações.

Essas indústrias centenárias infelizmente não sobreviveram. Faliram, uma a uma. Restaram apenas os prédios. Não se adaptaram à concorrência dos fios sintéticos. Não tinham *layout* adequado ao uso de novos maquinários. E a concorrência da China e do Sudeste da Ásia foi a “pá de cal”. Fora o que chamamos de custo Brasil, que foi insuportável para muitas empresas do setor. Na década de 1990 e no início do século XXI fecharam as remanescentes, sobrando bem poucas daqueles tempos. O setor têxtil brasileiro se concentra hoje em indústrias mais modernas e voltadas para nichos de mercados (banho, cama e mesa; cortinas; tapetes; estamparias). No lugar das antigas fábricas, surgiram inúmeras confecções de roupas.

Mas será que o espaço que o algodão vem recuperando no mercado não será capaz de reacender investimentos nos setores têxteis brasileiros, nesse processo de reindustrialização ou “neointustrialização” tão almejado? O Brasil tem toda uma cadeia produtiva voltada para a moda, que se mantém firme, e até ascendente, seja na parte técnica como na parte criativa. Será preciso tam-

bém reacender a indústria química, da qual o setor têxtil é dependente: na fiação e na tecelagem são usados quase duzentos tipos de produtos químicos. Não foi por acaso que a indústria química no Brasil minguou à medida que a indústria têxtil se retraiu, e hoje temos um déficit crescente no comércio exterior dos subitens acompanhados pelas estatísticas da Abiquim – a associação que reúne as empresas químicas e petroquímicas.

O ressurgimento da cultura algodoeira no Brasil se deve muito ao cerrado brasileiro. Mato Grosso se tornou um grande produtor e para tal foi preciso vencer grandes desafios tecnológicos. Certa vez um empresário, que atuava na área com ação simultânea na engenharia e no agronegócio, me confessou que enfrentara mais dificuldades no plantio do algodão no Mato Grosso do que na montagem de equipamentos da usina nuclear Angra II. Ou seja, existe muito de tecnologia embutida na cultura do algodão do cerrado. Uma técnica que se altera e precisa ser adaptada às vezes a cada microrregião produtora, com diferenças de alguns quilômetros entre elas. O cerrado está distante dos principais portos e dos mercados. As ferrovias para escoamento da produção ainda começam a chegar (a Norte-Sul, por exemplo, só foi concluída este ano; a Fiol está em início de construção, assim como a extensão da estrada de ferro da Rumo a partir de Rondonópolis na direção de Lucas do Rio Verde; a Fico deve demorar de quatro a cinco anos para ficar pronta). Entretanto, com todos esses desafios o Brasil assumiu a liderança, mesmo que temporária, nas exportações de algodão.

Não faz muito tempo, no início do Plano Real, o Brasil chegou a importar 1 milhão de toneladas de algodão. Em três décadas a situação se inverteu. Tomara que esse fenômeno ocorra igualmente na indústria.

“

Será que o espaço que o algodão vem recuperando no mercado não será capaz de reacender investimentos nos setores têxteis brasileiros, nesse processo de reindustrialização ou “neointustrialização” tão almejado?

O Brasil tem toda uma cadeia produtiva voltada para a moda, que se mantém firme, e até ascendente, seja na parte técnica como na parte criativa

”

INFORMAÇÃO SOBRE EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO

TABELA 1

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE ALGODÃO** SEGUNDO DESTINOS SELECIONADOS
(VALORES EM US\$ MILHÕES - PAÍSES EM ORDEM DECRESCENTE DE VALOR EM 2022)

Destinos selecionados	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023 Jan-Set
China	721	189	333	165	87	132	523	820	1.017	983	1.083	437
Vietnã	126	76	143	212	162	269	252	356	519	570	547	217
Bangladesh	21	9	27	26	85	145	163	309	314	430	490	263
Paquistão	114	49	52	81	105	78	62	181	421	317	483	124
Turquia	132	45	82	145	143	187	118	239	360	471	462	171
Indonésia	312	231	324	204	218	285	252	335	308	299	267	119
Malásia	97	54	45	128	88	77	92	147	129	107	124	62
Coreia do Sul	296	253	160	157	174	80	94	76	78	129	79	20
Índia	5	2	3	4	11	8	6	66	9	8	66	21
U.E.	24	17	15	14	16	22	23	29	18	26	28	11
Tailândia	97	66	66	64	57	39	40	40	30	28	27	8
Argélia	-	-	-	-	-	-	2	3	0	3	5	-
Japão	22	21	16	11	8	8	9	10	5	6	5	3
Taiwan (Formosa)	72	70	62	53	37	10	14	7	5	3	5	5
Filipinas	4	2	2	2	1	-	0	-	-	3	3	-
Subtotal	2.043	1.085	1.331	1.266	1.192	1.339	1.650	2.617	3.211	3.385	3.672	1.461
Demais destinos	61	21	28	24	23	18	37	23	16	21	5	6
Total	2.104	1.106	1.359	1.290	1.215	1.358	1.687	2.641	3.227	3.406	3.677	1.467

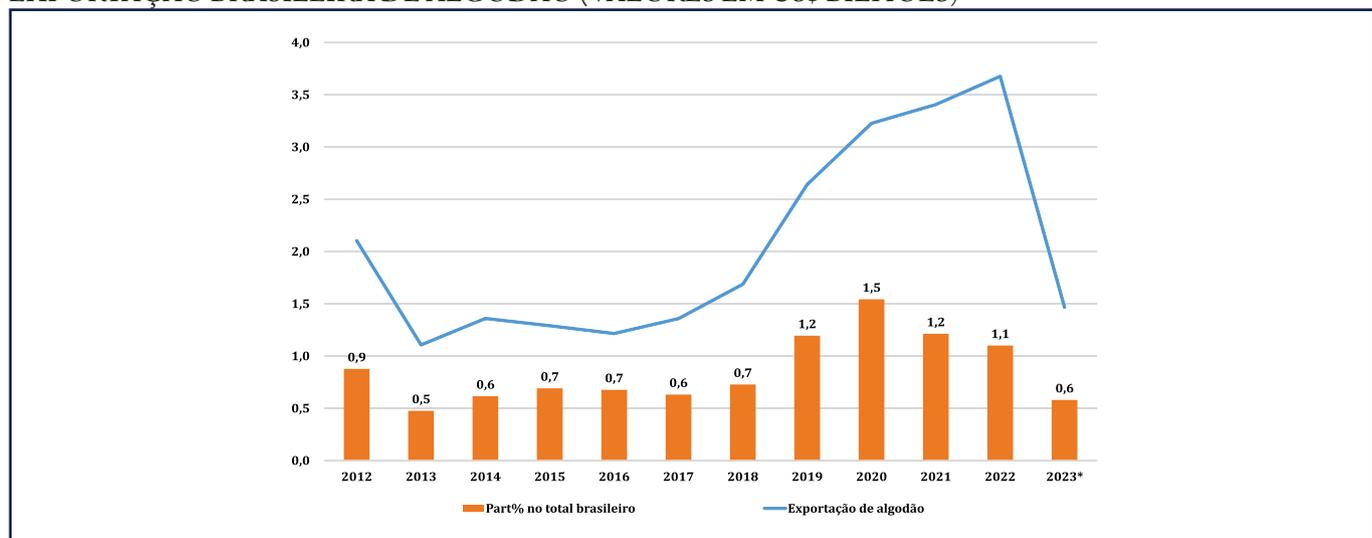
Fonte: Elaborado pela funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

Notas: * Dados de Janeiro-setembro de 2023. (-) sem declaração de valor no período

** Foram considerados os produtos das seguintes SH's: 5201-00: Algodão, não cardado nem penteado 5203-00: Algodão cardado ou penteado

GRÁFICO 1

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE ALGODÃO (VALORES EM US\$ BILHÕES)



Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

Nota: *jan-set